

Três grandes cidades reconstruídas



Por **ADELTO GONÇALVES***

Obra recente do historiador inglês Kenneth Maxwell recupera a história da reconstrução por que passaram Londres, Lisboa e Paris

1.

Examinar os esforços de reconstrução de três grandes cidades europeias foi a ingente tarefa a que se dedicou o historiador inglês Kenneth Maxwell ao escrever *The Tale of Three Cities - The Rebuilding of London, Paris, and Lisbon*, obra que acaba de ser lançada na Inglaterra e nos Estados Unidos com textos em inglês, português e francês. É o resultado da leitura que o autor fez na abertura de um colóquio internacional sobre Arte e Literatura Luso-Brasileira, realizado na Universidade de Harvard, em setembro de 2024.

Nesse documento, intitulado “*Disaster & Reconstruction: The Challenge of Modernism*”, Kenneth Maxwell analisa os efeitos causados por um grande incêndio em Londres, ocorrido em 1668, e os planos do notável arquiteto Christopher Wren (1632-1723) para redesenhar a cidade; a reconstrução de Lisboa depois do grande terremoto de 1755, sob a direção do marquês de Pombal (1699-1782); e a destruição da velha Paris e a sua reconstrução sob Napoleão III (1808-1873) e o barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), prefeito do antigo departamento do Sena entre 1853 e 1870.

O texto de abertura discute a transformação pela qual Londres passou durante os séculos XVII e XVIII, inicialmente sob a direção de Inigo Jones (1577-1652), considerado o primeiro arquiteto inglês, o primeiro também a estudar Arquitetura na Itália, responsável por obras irretocáveis como a *Queen's House* (1616), em Greenwich, e a Casa dos Banquetes de Whitehall (1622).

Ele também desenhou a *piazza* (praça) do *Convent Garden*, bem como uma igreja, da qual hoje pouco resta, além de ter projetado um magnífico palácio para o rei Charles I (1600-1649) que nunca seria construído.

Como observa o autor, a guerra civil de 1642 acabou com a carreira de Inigo Jones, mas a sua influência inspirada na arquitetura clássica de Roma e na Itália Renascentista permaneceu entre os arquitetos que projetaram a reconstrução de Londres depois da grande epidemia bubônica (peste negra) de 1665-1666, que matou cerca de cem mil pessoas, ou seja, um quarto da população de Londres, e o grande incêndio de 1666, que destruiu boa parte da cidade, desde a Torre de Londres até a *Fleet Street*. Foi quando o arquiteto Christophen Wren criou ambiciosos planos de reconstrução da cidade, submetendo-os ao rei Charles II (1630-1685), naquele mesmo ano.

O monarca, então, acompanhado por seu irmão, James Stuart (1633-1701), o duque de York, passou a acompanhar pessoalmente a demolição de ruas inteiras de casas e a criação de uma série de aceiros (faixas de terra) para retardar a propagação do fogo. E aceitou as sugestões de Christophen Wren que previam a substituição de ruas medievais por largas

avenidas e praças, incluindo uma nova catedral para substituir a Catedral de São Paulo destruída pelo grande incêndio, bem como a construção de edifícios em tijolo e pedra.

Mas, depois de muitas contendas com os proprietários das casas destruídas, o único elemento do projeto de Christopher Wren implementado foi a canalização do rio Fleet. Fosse com fosse, como assinala o historiador, 130 anos depois, as ideias de Christopher Wren seriam utilizadas nas margens do rio Potomac para a construção de Washington DC, a nova capital dos Estados Unidos.

Para se ter uma ideia do desastre, o autor lembra que, antes do incêndio, Londres era uma massa amontoadada de edifícios com estrutura de madeira. E recorda que, à época, em cinco dias, 200 mil pessoas ficaram sem teto e mais de 13 mil casas e prédios foram destruídos.

2.

A remodelação de Londres acabou por exercer muita influência na reconstrução de Lisboa, atingida pelo terremoto de 1º de novembro de 1755, pois Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro conde de Oeiras e marquês de Pombal, secretário de Estado durante o reinado de d. José I (1750-1777), havia sido embaixador de Portugal na Inglaterra entre 1739 e 1743 e pôde contemplar diariamente as obras construídas no século anterior, já que haveria de morar em duas residências em *Golden Square*, no centro oeste da capital, local preferido dos membros da aristocracia e dos diplomatas.

O terremoto, seguido por um tsunami, foi o mais forte que já atingiu a Europa, destruindo cerca de 45 conventos e mosteiros, muitas casas e o Palácio Real, à beira do rio Tejo, além de afundar o cais ribeirinho, tornando tudo um monte de lixo. Mais de 15 mil pessoas morreram, mas a reação de Pombal foi rápida e eficaz, ao determinar o enterro dos mortos e até a remoção de corpos para alto-mar a fim de evitar a propagação de doenças, além de baixar medidas rigorosas para evitar o aumento dos preços de alimentos essenciais. Sem contar as providências que tomou para evitar saques e pilhagens, sendo os infratores sumariamente enforcados.

Como lembra Kenneth Maxwell, com a ajuda dos arquitetos Manuel da Maia (1677-1768), Eugénio dos Santos (1711-1760) e Carlos Mardel (c.1695-1763), Pombal teve aprovado pelo rei d. José I (1714-1777) um plano que previa a reinvenção total do núcleo central de Lisboa, “com a anulação dos anteriores padrões de ruas e direitos de propriedade”.

O plano substituiu a antiga praça real, o chamado Terreiro do Paço, pela atual Praça do Comércio, que receberia em 1775 uma estátua de bronze em homenagem a d. José I que ainda pode ser contemplada nos dias de hoje. A praça seria um local de ministérios e secretarias de governo, de comércio, da alfândega e da bolsa de valores, reproduzindo os planos de Christopher Wren para uma cidade mercantil em Londres e de Inigo Jones para o *Convent Garden*.

3.

Por fim, Kenneth Maxwell mostra a nova Paris que resultou da visão futurista de Napoleão III, um governante autoritário que manteve seu reinado por 18 anos, até ter conduzido a França a uma guerra catastrófica com a Prússia de Bismarck (1815-1898). O monarca apoiou com braço de ferro o barão Haussmann, prefeito do Sena, em sua persistência em destruir a velha Paris para introduzir sistemas modernos de água e esgoto, bem como avenidas largas e ladeadas por edifícios uniformes, que acabariam por levar o seu nome, pois ficariam conhecidos como “edifícios Haussmann”.

As obras projetadas por ele durariam menos de 20 anos e resultariam numa cidade totalmente planejada, com bulevares retos e largos, que atravessavam os cortiços medievais, valendo-se de uma legislação de confisco de propriedades privadas, o que significa que milhares de prédios e casas foram condenados e arrasados.

Esse processo, que incluía o confisco de propriedades com base no direito de expropriação (*eminent domain* ou domínio eminente), seria confirmado depois durante a legislatura da qual era presidente Charles Auguste Louis Joseph, o conde de Morny (1811-1865), o meio-irmão de Napoleão III.

Com base nessa legislação draconiana, as obras acabariam por dar fim ao cortiços que eram uma fonte de doenças, como a cólera, responsável pela morte de mais de 30 mil pessoas entre as décadas de 1830 e 1860. Em função dessas obras de remodelação, em 1870, a cidade ganharia condutores subterrâneos de gás, com a instalação de 33 mil saídas para a iluminação pública, edifícios públicos e casas particulares.

A partir daí, a Paris moderna, nova e espaçosa, já conhecida como Cidade-Luz, ofuscaria a até então invejada Londres. Haussmann também mandaria empreender grandes obras de engenharia para conduzir água por meio de novos aquedutos e poços artesianos. Foram também modernizadas muitas escolas, inclusive a famosa Sorbonne, a faculdade de Medicina. Sem contar os grandes bailes de máscaras, recepções diplomáticas e a primeira Exposição Universal, em 1855, que Haussmann mandaria organizar.

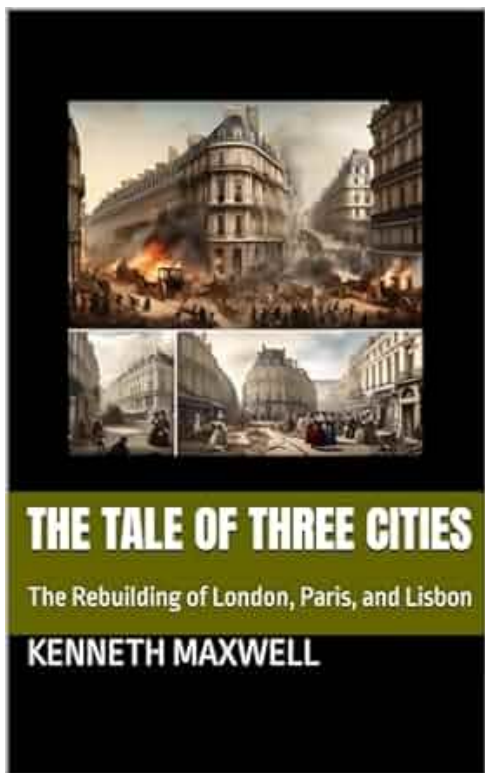
Haussmann, por determinação de Napoleão III, também procurou criar em Paris os grandes parques de Londres, como o Hyde Park e St. James Park, que tanto o monarca havia admirado durante o seu exílio na capital inglesa. E que foi a origem da construção do Bois de Boulogne e de outros grandes parques parisienses.

Na conclusão de sua pesquisa, Kenneth Maxwell observa que, enquanto, hoje, as ruas de Londres permanecem tal como eram antes do grande incêndio, quando foi negada a Christopher Wren a oportunidade de replanejar a cidade, Lisboa e Paris continuam tal como o marquês de Pombal (e Maia, Santos e Mardel) e Napoleão III (e Haussmann) imaginaram, ambas reconstruídas para refletir a modernidade.

Eis aqui um estudo que, a partir de agora, torna-se indispensável para quem quiser conhecer ou mesmo escrever sobre a história dessas três grandes e luminosas cidades.

***Adelto Gonçalves**, jornalista, é doutor em literatura portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Autor, entre outros livros, de *Bocage – o perfil perdido* (Imesp).

Referência



Kenneth Maxwell. *The Tale of Three Cities - The Rebuilding of London, Paris, and Lisbon*. Londres, , Second Line of Defense, 2025, 202 págs. [<https://amzn.to/4kuMil0>]
